

# O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna

Adriana Carvalho Koyama<sup>1</sup>  
ackoyama@outlook.com

O Centro de Memória-Unicamp está, no momento em que escrevo, preparando para publicação o trabalho de doutoramento de Maria Carolina Bovério Galzerani, cujo objeto são os almanaques produzidos em Campinas, entre as décadas de setenta e oitenta do século XIX.

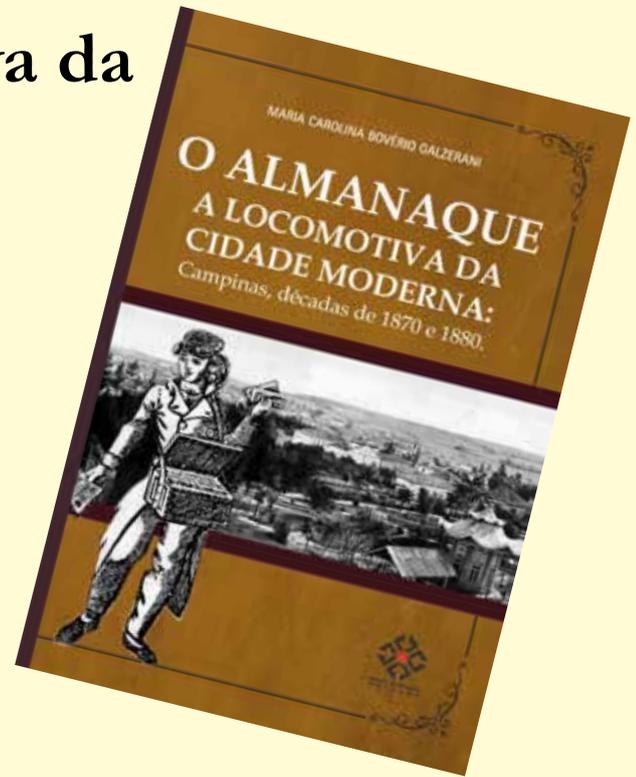
A autora foi professora da Faculdade de Educação da Unicamp entre 1986 e 2015. Pesquisadora do acervo do CMU nas décadas de oitenta e noventa do século XX, Carolina foi orientanda do professor José Roberto do Amaral Lapa em seus estudos de pós-graduação em História Social, realizados entre 1992 e 1998, no IFCH-Unicamp. Essa obra sobre os almanaques campineiros, iniciada como dissertação de mestrado, foi defendida como tese de doutorado, pela originalidade e singularidade de sua contribuição acadêmica.

Escrevendo em primeira pessoa, Galzerani nos convida a refletir sobre o engendramento das práticas culturais e das sensibilidades modernas, ditas civilizadas, republicanas, na forma como se expressam e se constroem na cidade de Campinas, nas décadas que precederam a Proclamação da República. Convite implicado, interessado, que olha para esse momento do passado como quem propõe um salto do tigre, para usarmos a expressão de Walter Benjamin. Invita-nos a “atravessar o ocorrido com a intensidade de um sonho para experienciar o presente como o mundo da vigília ao qual o sonho se refere!” (BENJAMIN, 2007, p. 916).

A razão da escolha desse percurso metodológico, que a autora nos convida a compartilhar, vem do desejo de problematizar historicamente a contemporaneidade, a partir do espaço e do tempo vivido na cidade, como lemos na introdução do trabalho:

habitando na radicalmente moderna (GIDDENS, 1991) cidade de Campinas, como mulher, professora e pesquisadora, vivendo cotidianamente o esfacelamento do social - em suas múltiplas dimensões culturais-, interessa-me, particularmente, tal viagem reflexiva, de modo a ressignificar o próprio presente.

Para tal, a pesquisadora faz uma leitura atenta e



minuciosa do acervo do CMU relativo a esse período, bem como de outros acervos relativos à cidade. Inspirada na obra de E. P. Thompson, sua pesquisa documental é extensa e paciente, tecendo relações entre os personagens urbanos que compõem as tramas de seu enredo, interrogando seus movimentos, tensionando, nesses confrontos, suas posições sociais e políticas. Escrito em forma narrativa, o texto traz, ao final, centenas de notas de referência sobre a documentação pesquisada, que sugerem novas pesquisas.

Inicialmente a autora nos apresenta dois grupos de autores e editores dos almanaques campineiros. O primeiro dialoga com as elites republicanas: são bacharéis do círculo de Campos Salles. Mas há ainda um segundo grupo, composto de intelectuais saídos “do mundo das ferragens e das costuras”. E das páginas das séries de almanaques publicadas por ambos, surgem, quase sempre a contrapelo, pelas vozes que as negam, as vozes dos sujeitos iletrados, da cidade “acanhada”, das mulheres e das crianças, objeto dos discursos e dos projetos civilizatórios que circulam, de forma predominante, pelos almanaques campineiros. Da leitura intensiva que a historiadora fez desses almanaques, vemos emergir as vozes de sujeitos que sonham outros futuros, que expõem outras práticas culturais, que se insurgem contra os projetos modernos prevaletentes. Essa dinâmica, pulsante de vida, resulta da forma como a autora se aproxima dos almanaques, recusando as abordagens que lançam mão de seus “dados” como fontes de in-

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2013), bacharel em História pela mesma universidade (1984). Pesquisadora colaboradora CMU-Unicamp.

formação sobre o período, decidindo-se a investigá-los como objetos culturais, reveladores de desejos e fantasmagorias, representações sociais e projetos políticos, que disputam o pequeno espaço dessas brochuras.

Suas observações sobre o volume de páginas dedicado às partes literária, noticiosa e às propagandas, em cada edição dos almanaques, levam-nos a perceber, no fluxo do tempo, o avanço de uma dada racionalidade, do tempo, do cotidiano e das sensibilidades, presente nos calendários anuais, mesclada à sedução dos desafios nos quebra-cabeças matemáticos e lógicos, enredada ao humor das charadas. Se nos primeiros almanaques a seção literária prevalece, nas últimas edições seu espaço minguou, em favor das “informações” administrativas, noticiosas, profissionais. Pelos olhos de Galzerani, percebemos os movimentos contraditórios e ambíguos que vão tecendo as sensibilidades modernas, e como os almanaques participam da construção e da circulação dos sonhos dessa modernidade. Flagramos como se desenham em pequenos fragmentos, em suas páginas, movimentos de educação das sensibilidades (GAY, 1988), relativos à vida pública e privada, à cidade, aos afetos, à política, à sociabilidade, ao tempo histórico.

As representações históricas prevalentes sobre “as origens e o desenvolvimento” de Campinas, em seus movimentos de constituição no final dos oitocentos, com seus autores e lugares de memória, são flagradas nos almanaques e interrogadas pela autora, que ao fazê-lo, escolhe apresentá-las como peças teatrais, sem, contudo, esquecer seu lugar na constituição da imagem fantasmagórica de progresso histórico, acoplada às de civilização e de educação. A coleção João Falchi Trinca, à qual pertence a maioria dos almanaques campineiros estudados, traz a marca do colecionador. Podemos imaginá-lo em seus diálogos com outros escritores da história campineira, compartilhando suas leituras das crônicas históricas publicadas nos almanaques oitocentistas que colecionou. Sua leitura pela pesquisadora faz um duplo salto, dialogando implicitamente com o produtor dessa coleção custodiada pelo CMU-Unicamp.

Conceber a pesquisa histórica como diálogo

entre passado e presente é, nos movimentos de pesquisa desse trabalho, uma experiência singular, na qual a leitura que a autora faz da obra de Walter Benjamin, no que se refere às relações entre história e memória, se revela de forma complexa e significativa, imbricada à sua metodologia de pesquisa. Galzerani traz para o texto sua própria voz, em sua singularidade, apresentando tessituras nem sempre visíveis, mas constituintes das investigações acadêmicas. Inspirada pela obra de Walter Benjamin e de Peter Gay, ela interroga, em sua pesquisa, as relações entre memória, educação das sensibilidades e produção de conhecimento histórico pelos sujeitos sociais, voltando-se, inclusive, para seu próprio percurso investigativo:

Mas, para além das razões de ordem racional, outras moveram-me nesta elaboração. Impressões matinais (BENJAMIN, 1986), instigam-me à decifração destes signos do século XIX. Rememoro os meus contatos infantis com os almanaques novecentistas de farmácia, na minha cidade natal, Jaboticabal, S.P., ainda na década de 1950. Vejo-me, já naquele momento, envolvida, curiosa em relação à leitura das cartas enigmáticas, das informações enciclopédicas, dos pequenos contos, das anedotas, como alguém que, em um percurso labiríntico, com potencialidades de descentração, ousa perder-se para apreender “novos” sentidos. Daí o prazer intenso que sinto na elaboração desta reflexão, pois ela me propicia articular dimensões conscientes e outras não tão conscientes.

Com essa inteireza, a autora dialoga com as vozes registradas nesses pequenos objetos da cultura material, que são os almanaques campineiros das décadas de 1870 e 1880, com seus autores e gestos, registrados nas notícias que deles se davam nos jornais do período. Se, em sua investigação, Galzerani buscou refletir sobre sua cidade na contemporaneidade, nesse momento de radicalização das práticas maquinicas modernas, em sua ousadia ela criou brechas de reinvenção dessas mesmas práticas, no coração de sua atividade profissional, na pesquisa acadêmica, de forma rigorosa e sensível.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história*. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GAY, Peter. *A Educação dos sentidos*. A experiência burguesa. Da rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

## Referência da obra resenhada

- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna*. Campinas, décadas de 1870 e 1880. Campinas, SP: Unicamp / CMU-Publicações, 2015. (No prelo).